

e João Bandeira, MAM-SP, 2006), *Lugar nenhum* (com Heloisa Espada, IMS-RJ, 2013), *Iberê Camargo: As horas* (Fundação Iberê Camargo, POA, 2013), *Quase figura, quase forma* (Galeria Estação, SP, 2014), entre outras. Foi diretor do Centro Universitário Maria Antonia (São Paulo, USP) de 1999 a 2005. Desde 2015 é curador-chefe de programação e eventos do Instituto Moreira Salles.

SANTO  
AGOSTINHO  
Confissões

*Tradução do latim e prefácio de*  
LORENZO MAMMÌ



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio e tradução do latim © 2017 by Lorenzo Mammi

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

*Confessiones*

PREPARAÇÃO

Ana Cecília Agua de Melo

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Moacyr Novaes Filho

REVISÃO

Luciane Gomide Varela

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.

Confissões / tradução do latim e prefácio de Lorenzo

Mammi. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Confessiones.

ISBN 978-85-8285-047-3

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

I. Mammi, Lorenzo. II. Título.

17-00662

CDD-922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Autobiografia 922.22

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

## Sumário

Prefácio — Lorenzo Mammi	7
CONFISSÕES	
Livro I	33
Livro II	59
Livro III	72
Livro IV	91
Livro V	115
Livro VI	138
Livro VII	165
Livro VIII	193
Livro IX	220
Livro X	250
Livro XI	302
Livro XII	333
Livro XIII	366

as confessasse a ti, *Senhor meu Deus, porque tu és bom, porque tua misericórdia é para sempre.*<sup>6</sup>

II, 2. Mas quando conseguirei, pela língua de meu cálam, <sup>7</sup> nomear todas as tuas exortações e todas as tuas repreensões e consolações e orientações, pelas quais me levaste a pregar tua Palavra e dispensar teu sacramento a teu povo? E, mesmo que conseguisse enunciá-las segundo a ordem, cada gota de tempo muito me custa. E há tempos desejo ardentemente meditar tua lei <sup>8</sup> e te confessar minha ciência e minha ignorância sobre ela, os primeiros sinais de tua iluminação e as trevas que ainda me restam, <sup>9</sup> até que a fraqueza seja devorada pela força. E não quero que sejam preenchidas por outras ocupações as horas que consigo livrar da necessidade de restaurar o corpo e tonificar a alma, ou dos serviços que devemos aos homens e dos que não devemos, mas mesmo assim prestamos.

3. Senhor meu Deus, *atende à minha prece*<sup>10</sup> e tua misericórdia ouça meu desejo, <sup>11</sup> porque ele não arde só por mim, mas quer servir à caridade fraterna; e tu vês em meu coração que é assim. Sacrificarei a ti a servidão de meu pensamento e de minha língua, tu, porém, me dá o que *vou te oferecer*, <sup>12</sup> *porque sou pobre e indigente*, <sup>13</sup> *tu és rico para todos os que te invocam*, <sup>14</sup> tu, que, imperturbado, cuidas de nossos turbamentos. Purifica meus lábios inte-

1, 1. Porventura, Senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo, ou vês no tempo o que se dá no tempo? Por que então te narro em detalhes tantos acontecimentos? Não certamente para que tu os conheças graças a mim, mas para despertar o afeto por ti, o meu e o daqueles que leem estas linhas, para que nós todos digamos: *Grande é o Senhor, e demais louvável.*<sup>1</sup> Já disse e direi: faço isso por amor do amor de ti.<sup>2</sup> Pois também rezamos, no entanto a Verdade disse: "*Vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedires*".<sup>3</sup> Logo, é nosso afeto por ti que manifestamos ao te confessar as misérias nossas e as misericórdias tuas *sobre nós*,<sup>4</sup> para que nos liberes definitivamente, porque já começaste; para que deixemos de ser miseráveis em nós e nos tornemos felizes em ti, porque nos chamaste; para que sejamos *pobres de espírito e mansos e aflitos, sedentos e famintos de justiça, misericordiosos, puros de coração e portadores de paz.*<sup>5</sup> Já te narrei muitas coisas, as que pude e quis, porque tu primeiro quiseste que eu

1. Sl 145 (144),3; cf. Livro I, I, 1.

2. Cf. Livro II, I, 1.

3. Mt 6,8.

4. Sl 33(32),22.

5. Mt 5,3-9.

6. Sl 118 (117),1.

7. Cf. Sl 45(44),2.

8. Cf. Sl 39(38),4; Sl 1,2.

9. Cf. Sl 18(17),29.

10. Sl 61 (60),2.

11. Cf. Sl 9,38 (10,17).

12. Sl 66 (65),15.

13. Sl 86 (85),1.

14. Rm 10,12.

riores e exteriores de toda temeridade e de toda mentira. Que tuas Escrituras sejam meus castos prazeres, e que eu não me engane nelas e não engane com elas. Senhor, *escuta e tem misericórdia*,<sup>15</sup> Senhor meu Deus, luz dos cegos e potência dos fracos, mas também luz dos videntes e potência dos fortes, escuta minha alma e ouve-a *clamar das profundezas*.<sup>16</sup> Com efeito, se teus ouvidos não estivessem até nas profundezas, *para onde iríamos?*<sup>17</sup> Para onde clamaríamos? *Teu é o dia e tua é a noite*:<sup>18</sup> a teu comando voam os instantes. Concede um espaço, neles, para nossas meditações sobre as dificuldades de tua lei e não a feches a quem bate à sua porta.<sup>19</sup> Por certo não quiseste que tantas páginas de obscuros mistérios fossem escritas inutilmente, ou aquelas selvas não abrigariam seus cervos, que nelas se alimentam e revigoram, circulam e pastam, deitam e ruminam. Ó Senhor, me aperfeiçoa e me revela as selvas.<sup>20</sup> Eis, tua voz é meu prazer, tua voz mais que profusão de volúpias. Dá-me o que amo: porque amo, e isso também tu me deste. Não deixes incultos teus dons e não desdenhes teu rebento sequioso. Que eu te confesse tudo o que encontrar em teus livros e *ouça o canto de louvor*<sup>21</sup> e te beba<sup>22</sup> e con-

15. Jr 18,19; Sl 27 (26),7 e 86 (85),3.

16. Sl 130 (129),1.

17. Sl 139 (138),7.

18. Sl 74 (73),16.

19. Mt 7,7.

20. Cf. Sl 29 (28),9 (Vetus Latina): "A voz de Deus aperfeiçoa os cervos e revelará às selvas". Na interpretação de Agostinho (*Comentário ao Salmo 28*), "A voz do Senhor tornou perfeitos os vencedores e triunfadores sobre as línguas venenosas [...] E então revelará a eles as obscuridades dos livros divinos e as sombras dos mistérios, para que pastem nelas com liberdade". Acreditava-se que os cervos fossem imunes aos venenos das serpentes, podendo por isso circular sem perigo nas florestas.

21. Sl 26 (25),7.

22. Cf. Sl 42 (41),2.

*sidere as maravilhas de tua lei*,<sup>23</sup> desde o *princípio* em que *fizeste o céu e a terra*,<sup>24</sup> até o reino perpétuo de tua santa cidade contigo.<sup>25</sup>

4. Senhor, *tem misericórdia de mim e acolhe*<sup>26</sup> meu desejo. Julgo, de fato, que ele não se dirige aos prazeres da carne, nem às necessidades do corpo e desta nossa vida de peregrinação, coisas todas que *nos serão acrescentadas*, se buscarmos *teu reino e tua justiça*.<sup>27</sup> Vê, meu Deus, onde está meu desejo. *Os injustos me despreveram coisas prazerosas, mas não quanto a tua lei, Senhor*.<sup>28</sup> Eis onde está meu desejo. Vê, Pai, olha, vê e aprova, e *agrade aos olhos*<sup>29</sup> de tua misericórdia que eu encontre graça perante ti, para que, ao bater, se abra<sup>30</sup> o interior de teus textos. Imploro pelo Nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, *homem da tua direita, o filho do homem que confirmaste para ti*<sup>31</sup> como mediador teu e nosso; pelo qual nos procuraste quando não te procurávamos, nos procuraste, porém, para que te procurássemos; tua Palavra, pelo qual fizeste todas as coisas,<sup>32</sup> inclusive a mim; teu único filho, pelo qual assumiste em adoção<sup>33</sup> o povo dos crentes, inclusive a mim; imploro por ele, *que senta à tua direita e intercede por nós*,<sup>34</sup> no qual se acham escondidos todos

23. Sl 26 (25),7; 119 (118),18.

24. Gn 1,1.

25. Cf. Ap 21,2.

26. Sl 27(26),7.

27. Mt 6,33.

28. Sl 119 (118),85 (Vetus Latina).

29. Sl 19 (18),15.

30. Cf. Mt 7,7.

31. Sl 80 (79),18 (Vulgata).

32. Cf. Jo 1,3.

33. Cf. Gl 4,5.

34. Rm 8,34.

os tesouros da sabedoria e da ciência.<sup>35</sup> É ele mesmo que busco em teus livros. Moisés escreveu sobre ele: ele mesmo o disse, a Verdade o disse.<sup>36</sup>

III, 5. Que eu ouça e entenda como *no princípio fizeste o céu e a terra*.<sup>37</sup> Moisés escreveu isso, escreveu e se foi, partiu daqui indo de ti a ti, e não está diante de mim agora. Pois, se estivesse, eu o deteria e o interrogaria e imploraria em teu nome que me explicasse, e prestaria os ouvidos de meu corpo aos sons que sairiam de sua boca; e, se falasse em hebraico, eles percutiriam inutilmente meus sentidos e nada dali atingiria minha mente; porém, se falasse em latim, saberia o que estaria dizendo. Mas de onde saberia se disse a verdade? Se soubesse isso também, o saberia graças a ele? Dentro de mim, na morada do meu pensamento, a Verdade, não hebraica nem grega nem latina nem bárbara, sem os órgãos da boca e da língua, sem ruído de sílabas, diria: “Diz a verdade”; e eu logo, com certeza confiante, diria àquele teu homem: “Dizes a verdade”. Logo, não podendo interrogá-lo, peço a ti, Verdade, de que ele era cheio quando disse verdades, a ti, meu Deus, peço: *poupa meus pecados*<sup>38</sup> e, como concedeste àquele teu servo dizer, *concede a mim entender*.<sup>39</sup>

IV, 6. Aqui estão o céu e a terra, eles declaram que foram feitos: mudam e variam, enquanto naquilo que não foi feito, mas é, nada há que não fosse antes, quer dizer, que mude e varie. Declaram também que não se fizeram a si mesmos: “Somos por isso: por ter sido feitos; portanto, não éramos antes de ser, para que pudéssemos nos fazer a

35. Cl 2,3.

36. Cf. Jo 5,46.

37. Gn 1,1.

38. Jó 14,16 (Vulgata).

39. Sl 119 (118),34-73.

nós mesmos”. E a voz dos falantes é a própria evidência. Portanto, tu os fizeste, Senhor, que és belo: porque eles são belos; que és bom: porque eles são bons; que és: porque eles são. E não são tão belos nem tão bons nem são tanto quanto tu, criador deles, comparados ao qual não são nem belos nem bons nem seres.<sup>40</sup> Sabemos isso graças a ti, e nosso saber, comparado a teu saber, é ignorância.

V, 7. Mas como fizeste o céu e a terra, e que máquina utilizaste para essa tua operação tão grande? Pois não foi como o artífice humano que forma um corpo a partir de outro corpo pela decisão de uma alma que é capaz de transmitir, de alguma maneira, a forma que enxerga nela mesma por um olhar interno — e como seria capaz disso, senão porque tu a criaste? — e que confere essa forma a algo que já existe e já tem um ser, como a terra ou a pedra ou a madeira ou o ouro ou qualquer coisa do gênero — e como essas coisas existiriam, se tu não as estabelecesses? Tu fizeste o homem que fabrica; tu, a animação que governa seus membros; tu, a matéria de onde ele faz algo; tu, o engenho que contém a arte e vê dentro de si o que executa fora; tu, os sentidos do corpo, pela mediação dos quais este leva da mente para a matéria o que faz, e traz de volta à mente o que fez, para que ela julgue internamente, sob a direção da verdade, se é bem-feito. Tudo isso te louva, *criador de tudo*.<sup>41</sup> Mas, tu, como o fizeste? Como fizeste, Deus, o céu e a terra? Certamente, não fizeste o céu e a terra no céu nem na terra, nem no ar ou na água, porque eles também pertencem ao céu e à terra, e não fizeste o universo no universo, porque não existia um lugar onde fazer antes que tu o fizesses existir. Tampouco tinhas algo à mão, a partir do qual fazer o céu e a terra. Com efeito, de onde receberias algo que não tivesses feito, para que fizesses algo

40. Cf. Platão, *Timeu*, 27d-29b.

41. Ambrósio, *Hinos*, I, 2,1.

a partir dele? Existe algo, senão porque tu és? Logo, falaste e eles foram feitos,<sup>42</sup> e foi na tua Palavra que os fizeste.

VI, 8. Mas como falaste? Porventura da mesma maneira como saiu uma voz da nuvem e disse: “*Este é meu filho amado*”?<sup>43</sup> Com efeito, aquela voz foi emitida e passou, começou e acabou. As sílabas ressoaram e se esvaíram, a segunda após a primeira, a terceira após a segunda e assim por ordem, até a última após as outras e o silêncio após a última. De onde se torna claro e evidente que foram emitidas pelo movimento de uma criatura a serviço de tua vontade eterna, mas sendo ela mesma temporal. E essas palavras tuas pronunciadas no tempo foram transmitidas pelo ouvido exterior à mente ajuizada, cujo ouvido interior está voltado para tua Palavra. Mas ela comparou aquelas palavras, que ressoavam no tempo, com tua Palavra eternamente em silêncio, e disse: “É de longe outra coisa, outra coisa, de longe. Aquelas são muito inferiores a mim, e não são, porque fogem e desaparecem; mas a Palavra de meu Deus *permanece* acima de mim *em eterno*”.<sup>44</sup> Logo, se tivesses dito palavras ressoantes e transitórias para criar o céu e a terra, já existiria uma criatura corporal antes do céu e da terra, que propagasse temporalmente aquela fala por movimentos temporais. Mas não havia nenhum corpo antes do céu e da terra ou, se havia, certamente o criaste sem fala transitória, para que pudesses criar a fala transitória pela qual ordenarias que o céu e a terra se fizessem. Com efeito, qualquer tenha sido o ser de onde surgiu tal fala, se não tivesse sido criado por ti, absolutamente não seria. Portanto, para que fosse criado o corpo de onde surgiram essas palavras, que Palavra foi dita por ti?

42. Cf. Gn 1,3 ss.

43. Mt 3,17; 17,5.

44. Is 40,8.

VII, 9. Assim, tu nos convidas a entender a Palavra, que é Deus e está contigo, Deus,<sup>45</sup> que é dita eternamente e na qual todas as coisas são ditas eternamente. Com efeito, ele não acaba de dizer uma coisa e passa a dizer outra, para que tudo possa ser dito, mas diz tudo junto e eternamente; ou já seria tempo e mutação e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade. Isso eu sei, meu Deus, e *dou graças*.<sup>46</sup> Eu sei, confesso-o a ti, Senhor, e comigo o sabe e te louva qualquer um que não seja relutante contra uma verdade indiscutível. Sabemos, Senhor, sabemos que cada coisa morre e nasce na medida em que não é o que era e é o que não era. Nada, portanto, antecede e sucede tua Palavra, porque ela é, verdadeiramente imortal e eterna. Logo, tudo é dito simultânea e eternamente pela palavra coeterna contigo, Palavra que tu dizes, e acontece tudo o que dizes que aconteça; e não fazes senão dizendo; porém não acontecem simultânea e eternamente as coisas que fazes dizendo.

VIII, 10. Por que isso, pergunto, Senhor meu Deus? De certa maneira o vejo, mas não sei expressá-lo em palavras, a não ser assim: que tudo aquilo que começa a ser e deixa de ser começa a ser e deixa de ser quando uma eterna razão, onde nada começa nem acaba, sabe que deve começar e acabar. Essa razão é tua Palavra, que é também o Princípio, como ela mesma nos disse.<sup>47</sup> Assim falou no

45. Cf. Jo 1,1.

46. 1Cor 1,4.

47. Cf. Jo 8,25 (Vulgata). É a tese das “razões seminais”, de origem estoica e neoplatônica, que Agostinho desenvolveu e transmitiu à Idade Média. Cf. *Comentário literal ao Gênesis*, VI, IX, 16, X, 17: “Na condição originária do mundo, quando Deus criou tudo simultaneamente, o homem foi feito para ser futuramente, como razão do homem a ser criado, não como criatura em ato. Mas tudo isso está de uma maneira no Verbo de

Evangelho pela voz carnal, e ressoou para os ouvidos exteriores dos homens, para que cressem nela e a buscassem interiormente e a encontrassem na eterna Verdade, onde um bom e único mestre instrui todos os discípulos.<sup>48</sup> Ali ouço tua voz, Senhor, que me diz que aquele que nos fala nos instrui; mas aquele que não nos instrui, mesmo falando, não nos fala.<sup>49</sup> Quem, então, nos instrui, senão a Verdade permanente? Porque, mesmo quando uma criatura mutável nos assinala algo, nos remetemos à Verdade permanente, onde aprendemos verdadeiramente, quando paramos e ouvimos e somos *tomados de alegria à voz do esposo*,<sup>50</sup> voltando para onde recebemos o ser. E por isso ela é o Princípio, porque, se não permanecesse, não haveria para onde voltar quando errássemos. Mas, quando voltamos do erro, é conhecendo que voltamos; para que conheçamos, porém, ela nos ensina, porque é o *Princípio e nos fala*.<sup>51</sup>

IX, 11. Naquele Princípio, Deus, fizeste o céu e a terra: na tua Palavra, no teu Filho, na tua Potência, na tua Sabedoria, na tua Verdade, falando milagrosamente e milagrosamente criando. Quem compreenderá? Quem explicará? O que é aquilo que irradia até mim e atinge

Deus, onde não é criado, mas eterno; de outra, nos elementos do mundo, onde todas as coisas são criadas simultaneamente para serem futuramente; ainda de outra, nas coisas que, criadas simultaneamente segundo as causas, já não surgem simultaneamente, mas cada uma a seu tempo”.

48. Cf. Mt 23,8.

49. Cf. *O mestre*, XI, 38: “Sobre tudo o que compreendemos com a inteligência, não consultamos quem fala exteriormente, mas a Verdade que governa por dentro a própria mente, ainda que sejamos estimulados por palavras exteriores. Mas, aquele que consultamos, este instrui, e é aquele de quem é dito que habita o homem interior [Ef 3,16-7]: Cristo”.

50. Jo 3,29.

51. Jo 8,25 (Vulgata).

meu coração sem feri-lo? Sou tomado de horror e ardor: horror, por ser dessemelhante dele; ardor, por ser semelhante.<sup>52</sup> É a Sabedoria, a própria Sabedoria que irradia até mim dissipando minhas nuvens, as quais voltam a me encobrir quando me separo dela pelo nevoeiro e pela muralha de minhas penas, porque *meu vigor se enfraquece em miséria*,<sup>53</sup> a ponto de não suportar meu bem; até que tu, Senhor, que te tornaste *indulgente com todas as minhas iniquidades*, também *cures todos os meus males, e redimirás minha vida da corrupção, e me coroarás de amor e de misericórdia e saciarás de bens* meu desejo, porque *minha juventude se renovará, como a da águia*.<sup>54</sup> Com efeito, *somos salvos pela esperança, e aguardamos tua promessa na perseverança*.<sup>55</sup> Que te ouça falar internamente quem pode; eu, confiante no teu oráculo, exclamarei: *Como são magníficas tuas obras, Senhor, e todas fizeste na Sabedoria!*<sup>56</sup> Ela é o Princípio, e naquele Princípio criaste o céu e a terra.

52. Cf. Livro VII, X, 16.

53. Sl 31 (30), 11.

54. Sl 103 (102), 3-5; cf. *Comentário ao Salmo 102*, 9: “Dizem que a águia, quando oprimida pelo envelhecimento do corpo, já não pode mais se alimentar devido ao crescimento desmedido do bico. Pois a parte superior do bico, que se dobra em gancho sobre a inferior, por crescer desmedidamente na velhice, por seu comprimento não deixa que abra a boca [...] Oprimida pela fraqueza da velhice e pela falta de comida, ela se debilita muito [...] Então dizem que ela [...] batendo o bico contra uma pedra, o quebra, e se livra da parte superior que lhe impedia de assumir a comida. Volta a se alimentar, e tudo se renova: depois da velhice torna-se quase uma águia jovem. Voltam a força dos membros, o brilho das plumas, o movimento das penas, voa alta como antes. Daí a analogia com a ressurreição”.

55. Rm 8,24-5.

56. Sl 104 (103), 24.

X, 12. Não estão cheios de velhice aqueles que nos perguntam: “Que fazia Deus, antes de criar o céu e a terra? Com efeito, se permanecia ocioso e não fazia nada, por que não se manteve assim também em seguida, e não se absteve *da obra*<sup>57</sup> como antes? Pois, se apareceu em Deus um movimento e uma vontade nova de produzir uma criação que nunca produzira antes, como poderia ser ainda verdadeira eternidade, se nela surge uma vontade que não era? Com efeito, a vontade de Deus não é uma criatura, mas anterior às criaturas, porque nada poderia ser criado, se não fosse precedido pela vontade do criador. Logo, a vontade de Deus pertence à sua própria substância. Ora, se surgiu na substância de Deus algo que não estava nela antes, então não é verdade que aquela substância seja eterna; se, porém, era eterna a vontade de Deus que produziu a criação, por que a criação também não seria eterna?”.

X, 13. Aqueles que falam assim não te compreendem, ó Sabedoria de Deus, luz das mentes, ainda não compreendem como acontece aquilo que acontece em ti e por ti, e tentam experimentar a eternidade, mas *o coração deles* ainda esvoaça entre os movimentos passados e futuros das coisas e ainda é vão.<sup>58</sup> Quem o poderá apanhar e segurar, para que se detenha um pouco e receba um pouco do esplendor sempre imóvel da eternidade e a compare com os tempos que nunca param e veja que é incomparável; e que um tempo longo não poderia ser longo senão por muitos movimentos passageiros, que não poderiam se estender simultaneamente; e que, ao contrário, nada passa na eternidade, mas tudo é presente, enquanto nenhum tempo é todo presente; e que todo passado é substituído por um futuro, e todo futuro segue um passado, mas todo passado e futuro são criados e descendem daquilo que é sempre presente?

57. Gn 2,3.

58. Sl 5,10 (Vulgata).

Quem poderá segurar o coração do homem, para que se detenha e veja como a eternidade imóvel, nem futura nem passada, dita os tempos futuros e passados? Poderia minha mão ser capaz de tanto, ou a mão de minha boca realizar em palavras uma ação tão grande?

XII, 14. Eis o que respondo a quem pergunta: “O que Deus fazia antes de fazer o céu e a terra?”. Não respondo como dizem que alguém respondeu, esquivando com uma brincadeira a contundência do questionamento: “Preparava o inferno para quem investiga mistérios profundos”. Não respondo assim. Prefiro responder: “Não sei o que não sei” a ridicularizar quem investiga mistérios profundos e enaltecer quem responde falsidades. Mas afirmo que tu és criador de toda a criação, nosso Deus, e, se pelo nome de céu e terra devemos entender a criação inteira, me atrevo a dizer: antes de fazer o céu e a terra, não fazias nada. Com efeito, se fizesses algo, o que farias a não ser uma criatura? E tomara eu soubesse tudo o que quero saber por meu proveito, como sei que antes de existir alguma criatura não existia criatura alguma.

XIII, 15. Mas, se um espírito volátil vaguear pelas imagens dos tempos passados e se admirar de que tu, Deus onipotente criador e senhor de tudo, artífice do céu e da terra, antes de fazer isso, ficaste inoperante por séculos inumeráveis, preste atenção e repare que sua admiração é enganosa. Com efeito, como poderiam passar esses séculos inumeráveis, se não tivessem sido feitos por ti, que és o autor e fundador de todos os séculos? E quais foram os tempos que não foram fundados por ti? E como passariam, se nunca foram? Logo, se tu és o obreiro de todos os tempos e se houve algum tempo antes que fizesses o céu e a terra, por que se diz que tu te abstinhas *da obra*?<sup>59</sup> De fato, tu

59. Gn 2,3.

fizeste aquele tempo, e os tempos não poderiam passar, antes que fizesses os tempos. Mas, se não havia tempo antes do céu e da terra, por que perguntam o que fazias então? Não havia “então”, onde não havia tempo.

16. Tampouco tu antecedes os tempos no tempo: porque, se fosse assim, não antecederias todos os tempos. Mas tu antecedes todos os passados do alto da eternidade sempre presente e ultrapassas todos os futuros, porque estes são futuros e, como vêm, passarão; mas tu és sempre o mesmo, e teus anos não findarão.<sup>60</sup> Teus anos não vão nem vêm: estes nossos vão e vêm, para que venham todos. Os teus permanecem todos juntos, porque permanecem, e não são removidos pelos que vêm, porque não passam; mas estes nossos só serão todos, quando todos já se forem. Teus anos são um único dia,<sup>61</sup> e teu dia não é um dia após dia, mas um hoje, porque teu hoje não é suprimido por um amanhã, nem substitui um ontem. Teu hoje é a eternidade, logo geraste coeterno aquele a quem disseste: “*Hoje te gerei*”.<sup>62</sup> Tu fizeste todo o tempo e és antes de todo tempo, e não houve um tempo em que não havia tempo.

XIV, 17. Logo, não houve um tempo em que não fizesses algo, porque tu fizeste o próprio tempo. E nenhum tempo é coeterno contigo, porque tu permaneces; mas ele, se permanecesse, não seria tempo. De fato, o que é o tempo? Quem poderia explicá-lo fácil e brevemente? Quem o compreenderá para expressá-lo em palavras, na fala ou no pensamento? E, no entanto, entre as coisas que nomeamos em nossas conversas, o que há de mais comum e conhecido do que o tempo? E certamente entendemos quando o nomeamos, e entendemos também quando

60. Sl 102 (101), 28.

61. Cf. Sl 90 (89), 4; 2Pd 3, 8.

62. Sl 2, 7; Hb 5, 5.

ouvimos outros nomeá-lo. O que é o tempo, então? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei:<sup>63</sup> mas é com segurança que afirmo saber que, se nada passasse, não haveria tempo passado; se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro; e, se nada fosse, não haveria tempo presente. Logo, aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais, e o futuro ainda não é? Mas o presente, se fosse sempre presente e não se tornasse passado, não seria presente, e sim eternidade. Logo, se o presente, para que seja tempo, há de se tornar passado, como podemos dizer, a respeito dele também, que é, se a razão de sua existência é deixar de ser? De maneira que não afirmamos com verdade que o tempo é, senão porque ele tende a não ser.

XV, 18. E, no entanto, dizemos “tempo longo” e “tempo breve” e não dizemos isso senão do passado e do futuro. Chamamos longo tempo passado, por exemplo, há cem anos; e longo tempo futuro, daqui a cem anos; chamamos breve tempo passado, digamos, há dez dias; breve futuro, daqui a dez dias. Mas em que sentido é longo e breve aquilo que não é? Com efeito, o passado já não é, e o futuro não é ainda. Não digamos, então: “é longo”; mas, do passado: “foi longo”; e do futuro: “será longo”. Meu Senhor, *minha luz*,<sup>64</sup> tua Verdade não rirá dos homens também assim? Porque, aquele tempo passado que foi longo, foi longo quando já passara, ou quando ainda era presente? Com efeito, só poderia ser longo quando havia algo que fosse longo; mas depois de passar já não havia; logo, não poderia ser longo, porque não era de forma alguma. Portanto, não digamos: “o tempo passado foi longo”, porque não encontraríamos algo que seja longo

63. Cf. Plotino, *Enéadas*, III, 7 (45), 1.

64. Mq 7, 8; cf. Jo 1, 5.

quando, pelo fato de ser passado, já não é; mas digamos: “aquele tempo presente foi longo”, porque, enquanto era presente, era longo. De fato, ainda não passara, deixando de ser, portanto havia algo que pudesse ser longo; em seguida, quando passou, o que deixou de ser simultaneamente deixou também de ser longo.

19. Vejamos então, alma humana, se o tempo presente pode ser longo; porque te foi dado perceber as durações e medi-las. Que me respondes? Que cem anos presentes são um tempo longo? Mas vê, antes, se cem anos podem ser presentes. Com efeito, se estiver no primeiro ano deles, este é presente, mas noventa e nove são futuros, logo não são ainda; se, porém, estiver no segundo ano, um já é passado, outro, presente e os restantes, futuros. E assim acontece se pusermos como presente qualquer ano dentro desse número de cem: antes dele, serão passados; depois dele, futuros. Portanto, cem anos não podem ser presentes. Vê se pelo menos o único ano em que estamos pode ser presente. Mas nele também, se estivermos no primeiro de seus meses, os outros serão futuros; se no segundo, o primeiro já passou e os outros não são ainda. Logo, nem o ano em que estamos pode ser inteiramente presente, e, se não é presente inteiramente, não é o ano que é presente. De fato, um ano tem doze meses, dos quais qualquer mês em que estivermos é presente, os outros são passados ou futuros. Se bem que o mês em que estamos tampouco é presente, e sim um único dia: se for o primeiro, os outros serão futuros; se for o último, os outros serão passados; se for qualquer um entre eles, estará entre dias passados e futuros.

20. Eis que o tempo presente, que descobrimos ser o único que deveríamos chamar de longo, é reduzido ao espaço de um único dia. Mas discutamos também isso, porque nem sequer um dia é inteiramente presente. Com

efeito, é composto por um total de vinte e quatro horas noturnas e diurnas: em relação à primeira delas, as outras são futuras; em relação à última, passadas; e todas as que estão no meio têm antes de si horas passadas e depois de si, futuras. Mas até uma única hora é feita de partículas fugazes: toda que já se foi é passada; toda que ainda resta é futura. Se for possível conceber um elemento do tempo cujo momento não possa ser dividido em partes minutíssimas, só este poderia ser chamado presente; todavia, ele passaria tão imediatamente do futuro para o passado, que não se estenderia por duração alguma. Com efeito, se se estendesse, dividir-se-ia em passado e futuro; o pre-sente, ao contrário, não tem extensão. Onde está, então, o tempo que afirmamos ser longo? No futuro? Não digamos, então: “é longo”, porque ainda não há nada que seja longo, e sim: “será longo”. Mas quando o será? Se mesmo então for ainda futuro, não será longo, porque ainda não haverá nada que seja longo; mas se então for longo, porque de futuro que ainda não é já se tornará presente e passará a ser, para que haja algo que possa ser longo, os argumentos acima já atestam que o tempo presente não pode ser longo.

XVI, 21. E no entanto, Senhor, percebemos intervalos de tempo e os comparamos entre si e chamamos alguns de mais longos, outros de mais curtos. De fato, medimos quanto um tempo é mais longo ou mais curto que outro e concluímos que este é duplo ou triplo, aquele é simples; ou que este é tão extenso quanto aquele. Mas medimos os tempos que passam, quando medimos pela sensação; porém, os tempos passados, que já não são, e os futuros, que ainda não são, quem poderia medi-los, a não ser que alguém ouse dizer que pode medir o que não é? Logo, o tempo pode ser medido e percebido enquanto passa, mas quando já passou não pode, porque não é mais.

XVII, 22. Busco, Pai, não afirmo: meu Deus, orienta-me e conduze-me. Alguém poderia me dizer que não há três tempos, passado, presente e futuro, como aprendemos crianças e ensinamos às crianças, mas apenas o presente, porque os outros dois não são? Ou eles também são, porém o que de futuro se torna presente emerge de algum recanto e volta para algum recanto, quando de presente se torna passado? Com efeito, onde viram os acontecimentos futuros aqueles que os anunciaram, se eles ainda não são? Não se pode ver aquilo que não é. E os que narram o passado não narrariam fatos verdadeiros, se não os enxergassem na mente; e, se fossem nada, não poderiam enxergá-los. Logo, tanto os acontecimentos futuros quanto os passados são.

*Amém*  
\*  
XVIII, 23. Deixa-me, Senhor, buscar mais fundo, minha esperança;<sup>65</sup> e que minha intenção não se confunda. De fato, se os acontecimentos futuros e passados existem, quero saber onde estão. Mesmo que não consiga, sei contudo que, onde quer que estejam, ali não são futuros ou passados, mas presentes. Com efeito, se mesmo ali fossem futuros, ainda não seriam, e, se fossem passados, já não seriam. Onde quer que estejam, portanto, o que quer que sejam, não são senão presentes. Se bem que, quando narramos coisas do passado, são extraídas da memória não as próprias coisas que passaram, mas palavras concebidas a partir das imagens que elas imprimiram na mente, como pegadas, pelos sentidos. Assim, minha infância que não é mais está num tempo passado que não é mais; mas a imagem dela, quando a lembro e narro, vejo-a interiormente no tempo presente, porque ainda está em minha memória.<sup>66</sup> Confesso que não sei se a explicação das predições do futuro poderia ser semelhante, de maneira que

65. Sl 71 (70), 5.

66. Cf. Livro X, VIII, 15.

coisas que ainda não são já estejam presentes em imagens existentes. Mas disto estou certo: freqüentemente premeditamos ações futuras, e essa nossa premeditação é presente, mas a ação que premeditamos ainda não o é, porque é futura. Quando chegarmos a ela e começarmos a fazer o que premeditamos, então aquela ação será, porque então não será futura, mas presente.

24. Como quer que se dê o misterioso pressentimento de acontecimentos futuros, não se pode ver senão aquilo que é. Mas o que já é não é futuro, é presente. Logo, quando se diz que acontecimentos futuros são vistos, talvez sejam vistos não eles mesmos, que ainda não são, ou seja, que são futuros, mas causas ou sinais deles, que já são; portanto não são futuros, mas presentes aos que os veem, e a partir deles são preditos acontecimentos futuros concebidos mentalmente. E essas concepções, por sua vez, também são agora, e aqueles que as predizem as veem dentro de si como algo presente. Ilustrarei essa quantidade tão grande de coisas por um exemplo. Vejo a aurora: predigo o nascimento do sol. O que vejo é presente; o que predigo, futuro; não é futuro o sol, que já é, mas seu nascimento, que ainda não é. Todavia, mesmo esse nascimento, se não o figurasse na mente, como agora falando dele, não poderia predizê-lo. Mas nem aquela aurora que vejo no céu é o nascimento do sol, embora o preceda, nem o é a figura na minha mente: estes dois presentes são discernidos, para que eu possa predizer aquele futuro. Com efeito, os acontecimentos futuros ainda não são, e, se não são ainda, não são, e, se não são, não há como serem vistos; mas podem ser preditos a partir de acontecimentos presentes, que já são e são vistos.

XIX, 25. Mas tu, soberano de tua criação, de que maneira ensinas às almas os eventos futuros? De fato, os ensinaste a teus profetas. De que maneira ensinas os eventos

futuros, se para ti nada é futuro? Ou então ensinas algo presente sobre o futuro? Porque o que não é não pode ser ensinado. Essa maneira está muito longe de minha vista, é poderosa demais: não chegarei a ela por mim; mas chegarei por ti, quando tu o concederes, doce luz de meus olhos ocultos.

xx, 26. Contudo, o que por ora é claro e límpido é que tanto o que é futuro quanto o que é passado não é, e não se diz propriamente: os tempos são três, passado, presente e futuro, mas talvez se devesse dizer propriamente: os tempos são três, o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. Esses três, de fato, estão na alma, de alguma maneira, e não os vejo em outro lugar: a memória presente do passado, a visão presente do presente, a expectativa presente do futuro. Se nos for permitido dizer isso, então reconheço que enxergo três tempos, e os três são. Pode-se dizer: “os tempos são três, passado, presente e futuro”, segundo um hábito incorreto; pode-se dizer assim. Não me preocupo nem resisto nem reclamo, contanto que se entenda que não se está dizendo que o futuro já é nem que o passado ainda é. Com efeito, são poucas as coisas de que falamos com propriedade, dizemos a maioria impropriamente, mas sabemos o que queremos dizer.

xxi, 27. De fato, disse há pouco que medimos os tempos enquanto passam, para que possamos dizer que esse tempo é o duplo daquele, ou igual àquele, e todas as outras relações entre tempos que podemos enunciar medindo-os. Portanto, como dizia, medimos os tempos enquanto passam, e, se alguém me perguntar: “como sabes?”, responderei: sei, porque os medimos, e não podemos medir aquilo que não é, e o passado ou o futuro não são. Mas como mediríamos o tempo presente, se não tem extensão? Logo, o medimos enquanto passa, mas quan-

do já tiver passado não o mediremos, porque não haverá nada a ser medido. Mas de onde e por onde e para onde passa, quando o medimos? De onde, senão do futuro? Por onde, senão pelo presente? Para onde, senão para o passado? Daquilo, portanto, que ainda não é, por aquilo que não tem extensão, para aquilo que não é mais. Mas o que medimos, senão o tempo dentro de certo espaço? Com efeito, não dizemos simples, duplo, triplo, quádruplo e igual e qualquer outra relação entre tempos, senão a partir de espaços de tempo. Em que espaço, então, medimos o tempo que passa? Talvez no futuro, de onde vem? Mas não podemos medir o que ainda não é. No presente, pelo qual passa? Não, não podemos medir o que não tem extensão. Ou no passado, para o qual vai? Não podemos medir o que já não é.

xxii, 28. Minha mente arde para conhecer esse complicadíssimo enigma. Não feches, Senhor meu Deus, bom Pai, imploro por Cristo, não feches ao meu desejo esses fatos tão comuns e tão abstrusos, impedindo que eu os penetre e esclareça pela luz de tua misericórdia, Senhor. A quem perguntarei sobre eles? E a quem confessarei mais proveitosamente minha incapacidade senão a ti, a quem não são molestos meus esforços inflamados e intensos sobre as tuas Escrituras? Dá-me o que amo: porque amo, e isso também tu me deste. Dá, Pai, que sabes de verdade *dar boas dádivas a teus filhos*,<sup>67</sup> dá, porque resolvi conhecer e *a tarefa está diante de mim*,<sup>68</sup> até que tu abras.<sup>69</sup> Imploro por Cristo, em nome de seu Santo dos Santos,<sup>70</sup> que ninguém me estorve. Acreditei, por isso eu

67. Mt 7,11.

68. Sl 73 (72),16.

69. Cf. Mt 7,7.

70. Passagem obscura. Talvez se refira a Hb 9,1-15.

falo.<sup>71</sup> Essa é minha esperança; por isso vivo, para *contemplar a face prazerosa de Deus*.<sup>72</sup> Eis, *fizeste velhos os meus dias*<sup>73</sup> e eles passam, e não sei como. E dizemos tempo e tempo, tempos e tempos: “por quanto tempo ele disse isso”, “por quanto tempo fez aquilo”; e: “Há quanto tempo não vejo isso”; e: “Esta sílaba tem tempo duplo em relação a uma breve simples”. Dizemos isso e ouvimos isso e somos compreendidos e compreendemos. São coisas das mais evidentes e comuns e, no entanto, demasiado obscuras, e a descoberta delas é novidade.

XXIII, 29. Ouvei de um homem erudito<sup>74</sup> que os tempos são os movimentos do Sol, da Lua e das estrelas, e não concordei. De fato, por que então os tempos não seriam todos os movimentos dos corpos? E se os astros do céu parassem e se movesse apenas a roda de um oleiro, não seria pelo tempo que mediríamos seus giros e diríamos que correm por durações iguais, ou se movem às vezes mais lentamente, às vezes mais rapidamente, às vezes ocupando uma duração maior, às vezes, menor? E, ao dizermos isso, não falaríamos também no tempo e nossas palavras não seriam compostas de sílabas longas e breves justamente porque aquelas soariam por um tempo mais longo e estas, mais breve? Deus, concede aos homens

71. Sl II 6 (II 5), I (Vulgata).

72. Sl 27 (26), 4.

73. Sl 39 (38), 6 (Vetus Latina).

74. Não há acordo entre os pesquisadores sobre a identidade desse erudito. Vários nomes foram propostos (Eratóstenes, Héstiô de Perinto, Crisipo, o bispo ariano Eunômio de Cízico), mas nenhum encontrou consenso pleno. Em seu tratado “Sobre a eternidade e o tempo”, que Agostinho provavelmente conhecia (cf. Livro XI, XIV, 17), Plotino refuta teses análogas às discutidas por Agostinho, às vezes com argumentos semelhantes (cf. *Enéadas*, III, 7 [45], 7-9).

ver, nas pequenas coisas, noções comuns às pequenas e às grandes. Estrelas e astros do céu marcam as estações, os dias e os anos. Marcam, de fato; mas nem eu poderia dizer que o giro da roda de madeira é o dia, nem aquele erudito, que ele não é um tempo.

30. Eu desejo conhecer o valor e a natureza do tempo, pelo qual medimos o movimento dos corpos e dizemos que aquele movimento, por exemplo, demora duas vezes este. Pergunto-me então: se chamamos de dia não apenas a demora do Sol sobre a Terra, de maneira que uma coisa é o dia, outra a noite, mas também seu percurso inteiro de oriente a oriente, como quando dizemos: “passaram-se tantos dias” — querendo dizer tantos dias com suas noites, e não excluindo a duração das noites —, se, portanto, o dia é gerado pelo movimento do Sol e por seu percurso de oriente a oriente, pergunto se o dia é o próprio movimento, ou a duração dele, ou ambos. No primeiro caso, se trataria de um dia mesmo que o Sol completasse seu percurso num espaço de tempo equivalente a uma hora. No segundo, não seria um dia se entre um surgimento e outro do Sol houvesse uma demora tão breve, mas seriam necessárias vinte e quatro voltas do Sol para completar um dia. No terceiro, não se poderia falar em dia nem se o Sol percorresse seu giro completo no espaço de uma hora, nem se, com o Sol parado, transcorresse um tempo igual àquele que ele costuma empregar para ir de uma manhã à outra. Assim, não me perguntarei o que é aquilo que chamamos de dia, mas o que é o tempo pelo qual medimos o percurso do Sol, e, se este fosse realizado num intervalo equivalente àquele que perfaz doze horas, diríamos que foi realizado em um intervalo de tempo menor do que o habitual pela metade e, ainda que o Sol complete o círculo de oriente a oriente às vezes naquele intervalo, às vezes neste, comparando os dois tempos diríamos que aquele é simples, este duplo. Quem ninguém me diga, então, que os tempos são os movimen-

tos dos corpos celestes, porque mesmo quando o Sol parou pela invocação de um homem, para que uma batalha vitoriosa fosse levada a termo,<sup>75</sup> o Sol ficou parado, mas o tempo passava. De fato, foi em um intervalo de tempo seu próprio, que lhe foi suficiente, que aquele combate foi conduzido e terminado. Vejo então que o tempo é uma certa distensão. Mas vejo mesmo? Ou apenas me parece que vejo? Tu mo mostrarás, luz, Verdade.

XXIV, 31. Mandas concordar, se alguém disser que o tempo é o movimento dos corpos? Não mandas. Com efeito, ouço dizer que nenhum corpo se move a não ser no tempo: tu o dizes. Mas não ouço que o próprio movimento do corpo é o tempo: tu não o dizes. Porque, quando um corpo se move, meço o tempo durante o qual se move desde que começou a se mover até acabar. E se não vi quando começou e ele continua se movendo, de maneira que não vejo quando acaba, não o posso medir, a não ser, talvez, do momento em que começo a ver ao momento em que acabo de ver. Se o vejo por muito tempo, posso afirmar apenas que é um tempo longo, mas não quanto tempo, porque, quando definimos uma quantidade, a definimos por comparação, como quando dizemos: "isto é igual àquilo", ou: "isto é o duplo daquilo", e assim por diante. Mas, se pudermos marcar os intervalos espaciais, desde onde parte até onde chega o corpo que se move, ou as partes dele, no caso de um movimento rotatório, podemos estabelecer em quanto tempo o movimento do corpo ou de suas partes de um lugar ao outro foi completado. Como, portanto, uma coisa é o movimento do corpo, outra, aquilo que nos serve para medir sua duração, quem não percebe qual das duas deveria ser chamada de tempo? Com efeito, se um corpo, variando, às vezes se move, às vezes permanece parado, medimos pelo tempo

75. Cf. Js 10,12-3.

não apenas seu movimento, mas também sua imobilidade e dizemos: "Ficou parado pelo mesmo tempo em que se moveu", ou: "Ficou parado pelo dobro ou o triplo do tempo em que se moveu", e qualquer outra medida que tomemos, seja com precisão, seja estimando-a, como se costuma dizer, no mais ou menos. Logo, o tempo não é o movimento do corpo.

xxv, 32. Confesso a ti, Senhor,<sup>76</sup> que ainda ignoro o que seja o tempo; mas por outro lado confesso a ti, Senhor, que sei que digo isso no tempo, e já estou me delongando a falar do tempo, e essa delonga não é longa senão por uma extensão de tempo. Como posso saber isso, quando não sei o que é o tempo? Ou talvez não saiba como dizer o que sei? Ai de mim, que nem sequer sei o que é que não sei! Eis, meu Deus, que *diante de ti não mintó*:<sup>77</sup> como eu falo, assim é meu coração. Tu iluminarás *minha lâmpada, Senhor meu Deus, iluminarás minhas trevas*.<sup>78</sup>

xxxvi, 33. Não te confessou minha alma, por confissão verídica, que eu meço os tempos? Assim, meu Deus, meço e não sei o que meço. Meço o movimento dos corpos no tempo. Não meço também o próprio tempo? Mas mediria o movimento de um corpo, a duração dele e a demora para chegar daqui ali, se não medisse o tempo em que ele se move? Mas, o próprio tempo, como o meço? Talvez meçamos um tempo mais longo por um tempo mais curto, como medimos o comprimento de uma travessa pelo comprimento de um côvado? De fato, assim vemos medir pelo comprimento de uma sílaba breve o comprimento de uma sílaba longa, e dizer que esta é o dobro daquela; assim medimos o comprimento dos poemas

76. Sl 9,2.

77. Gl 1,21.

78. Sl 18 (17),29.

Dis. ↗

pelo comprimento dos versos, e o comprimento dos versos pelo comprimento dos pés<sup>79</sup> e o comprimento dos pés pelo comprimento das sílabas e o comprimento das longas pelo comprimento das breves, não no papel — porque nesse caso mediríamos lugares e não tempos — mas enquanto os sons transcorrem na enunciação, e dizemos: “É um poema longo, porque é composto de tantos versos; versos longos, porque compostos de tantos pés; pés longos, porque contêm tantas sílabas; é uma sílaba longa, porque é o dobro da breve”. Mas mesmo assim não se estabelece uma medida fixa do tempo, já que pode acontecer que um verso mais curto, se for pronunciado mais devagar, soe num intervalo de tempo maior do que um mais longo, pronunciado mais rapidamente. O mesmo para o poema, para o pé, para a sílaba. Assim, me parece que o tempo não é senão uma distensão, mas, de quê, não sei; porém, me admiraria se não fosse da própria mente. O que meço, então — meu Deus, te imploro —, quando digo aproximadamente: “Este tempo é mais longo que aquele”, ou precisamente: “Este é o dobro daquele”? Sei: meço o tempo; mas não meço o futuro, que ainda não é; não meço o presente, que não tem extensão; não meço o passado, que já não é. O que meço, então? Os tempos enquanto passam, não os que passaram? É o que já disse.

XXVII, 34. Insiste, minha mente, e presta a máxima atenção: *Deus é nosso auxílio*;<sup>80</sup> *ele nos fez*<sup>81</sup> e não nós. Repara onde alvorece a verdade. Eis, por exemplo, que uma voz corporal começa a soar e soa e ainda soa e, eis, acabou, já é silêncio, e aquela voz passou e não é mais voz. Era futura, antes de soar, e não podia ser medida,

79. Unidade métrica da poesia latina, composta de duas ou mais sílabas.

80. Sl 62 (61),9.

81. Sl 100 (99),3.

porque ainda não era, e agora não pode, porque já não é. Logo, podia enquanto soava, porque então havia o que pudesse ser medido. Mas mesmo então não permanecia: ia e ia embora. Ou podia justamente por isso? Com efeito, enquanto passava, se distendia por algum intervalo de tempo, enquanto o presente não tem intervalo algum. Se, portanto, podia ser medida então, eis, suponhamos, que outra voz começa a soar e ainda soa numa nota sustentada, sem nenhuma alteração: meçamo-la, enquanto soa; com efeito, quando deixar de soar, já terá passado e não haverá o que possa ser medido. Meçamo-la, enfim, e digamos sua quantidade. Mas ainda soa, e não poderá ser medida senão de seu início, quando começou a soar, até o fim, quando acabou. Pois é o próprio intervalo que medimos de um início até um fim. Portanto, a voz que ainda não acabou não pode ser medida, para que se possa dizer quão longa ou curta ela é, nem se é igual a algo ou simples ou dupla ou outra relação da mesma ordem. Mas quando acabar já não será. Logo, como poderá ser medida? No entanto, medimos os tempos, não aqueles que ainda não são, nem aqueles que já não são, nem aqueles que não se estendem por duração alguma, nem aqueles que não têm limites. Ou seja: não medimos nem os tempos futuros, nem os passados, nem os presentes, nem aqueles que estão passando; todavia medimos os tempos.

35. “*Deus criator omnium*”:<sup>82</sup> este verso de oito sílabas alterna sílabas breves e longas: as quatro breves (primeira, terceira, quinta e sétima) são simples em relação às quatro longas (segunda, quarta, sexta e oitava). Cada uma destas, em relação a cada uma daquelas, vale um tempo duplo. Declamo e confirmo que é assim, pelo que se manifesta ao sentido. Pelo que é manifesto ao sentido, meço a sílaba

82. “Deus criador de tudo”: Ambrósio, *Hinos*, I, 2. Cf. *Conf.* L. IX, XII, 32.

longa pela breve e sinto que vale duas vezes tanto. Mas, como elas soam uma após a outra, se for antes a breve, depois a longa, como reter a breve e como sobrepô-la por medida à longa, para descobrir que vale um tempo duplo, quando a longa não começa a soar a não ser que a breve deixe de fazê-lo? Porventura meço a longa no presente, quando não posso medi-la senão pelas extremidades? Mas sua extremidade é quando termina. O que é, então, que meço? Onde está a breve pela qual meço? Onde, a longa que meço? Ambas soaram, se esvaíram, passaram, já não são. Mas eu meço e confiante afirmo, por quanto possa confiar num sentido treinado, que uma é simples, outra dupla, no que diz respeito ao intervalo temporal. E não o posso fazer, senão porque passaram e já chegaram a termo. Logo, não meço aquelas, que já não são, e sim meço algo que permanece, impresso em minha memória.

36. Em ti, minha mente, meço os tempos. Não me ensurdeças, isto é: não ensurdeças a ti mesma com a multidão de tuas impressões. Em ti, repito, meço os tempos. A impressão que as coisas que passam produzem em ti e que, quando elas já passaram, permanece, esta eu meço no presente, não as coisas que passaram e a produziram; é ela que eu meço, quando meço os tempos. Logo, ou ela mesma é os tempos, ou não são os tempos o que eu meço. Quando medimos as pausas e dizemos que aquela pausa ocupou um tempo igual ao que tal voz ocupou, não dirigimos a reflexão à medida da voz, como se a pausa soasse, para que possamos afirmar algo em termos de extensão temporal sobre os intervalos das pausas? Com efeito, também recitamos mentalmente, sem som e com a boca em repouso, poemas e versos e qualquer gênero de oração e estabelecemos as dimensões dos movimentos e as extensões temporais como se os pronunciássemos emitindo sons. Quando alguém quer emitir uma voz de certa duração e estabelece por premeditação quanto ela durará,

produz um intervalo de tempo em silêncio e então, baseando-se na memória, começa a emitir aquela voz, que soará até ser conduzida a seu limite preestabelecido. Ou melhor: soou e soará, pois o que já foi executado evidentemente já soou; o que ainda resta soará, e assim procede, enquanto a intenção presente<sup>83</sup> traz o futuro para o passado, diminuindo o futuro e crescendo o passado, até que, pelo esgotamento do futuro, tudo seja passado.

xxviii, 37. Mas poderia diminuir e se esgotar o futuro, que ainda não é, e como aumentaria o passado, que já não é, senão porque os três tempos estão na mente que produz isso? Porque ela aguarda, atenta e lembra, de maneira que o que aguarda passe pelo que atenta e se torne o que lembra. Quem negaria que os futuros ainda não são? Mas já está na mente a espera dos futuros. E quem negaria que os passados já não são? Todavia, ainda está na mente a memória dos passados. E quem negaria que o tempo presente não tem extensão temporal, porque passa em um instante? Todavia, perdura a atenção, pela qual o que está presente se encaminha para a ausência. Logo, não é longo o tempo futuro, que não é, mas um futuro longo é a longa espera de um futuro, e não é longo o tempo passado, mas um longo passado é a longa memória de um passado.

38. Estou prestes a cantar uma canção que conheço: antes de começar, minha espera se estende sobre a totalidade dela, mas, depois de começar, tudo o que transfiro dela para o passado se estende também em minha memória, e a vida desta minha atividade se distende entre a memória do que cantei e a espera do que vou cantar; minha atenção, porém, está no presente, e é ela quem traz o que era futuro para o passado. E quanto mais avanço e avanço mais a espera se encurta e a memória se alonga,

83. Cf. Livro x, n. 34.<sup>3</sup> (p. 256)

até que toda espera se esgote, quando a ação inteira for concluída e transferida para a memória. E o que vale para toda a canção vale também para cada parte dela e cada sílaba dela; e também para toda ação mais longa, da qual talvez aquela canção seja uma parte; e também para a vida inteira de um homem, cujas partes são as ações do homem; e também para toda a história dos filhos dos homens,<sup>84</sup> cujas partes são todas as vidas dos homens.

*Dizem isso*  
 XXIX, 39. Mas, como *tua misericórdia é melhor do que as vidas*,<sup>85</sup> eis que minha vida é distensão; e *tua direita me levantou*<sup>86</sup> no meu Senhor, filho do homem, mediador entre ti, uno, e nós, múltiplos, que vivemos na multiplicidade e pela multiplicidade, para que te *alcance* por aquele *pelo qual já fui alcançado*, e me *recomponha dos velhos dias, seguindo o uno, esquecendo o que passou*, não naquilo que é futuro e transitório, mas *no que está adiante*; não *distenso*, mas *extenso*, não *segundo a distensão*, mas *segundo a intenção, prossigo para o prêmio da vocação do alto*,<sup>87</sup> onde possa ouvir *a voz de aclamação*<sup>88</sup> e contemplar *tuas delícias*,<sup>89</sup> que não vêm nem vão. Mas por enquanto *meus anos se consomem em tristeza*,<sup>90</sup> e tu és meu alívio, Senhor, meu Pai eterno; eu, porém, me dissolvi nos tempos, cuja ordem desconheço, e minhas reflexões, íntimas entranhas de minha alma, são dilaceradas por tumultuosas variedades, até que eu conflua em ti, purificado e liquefeito pelo fogo de teu amor.

84. Sl 31 (30),20.

85. Sl 63 (62),4.

86. Sl 63 (62),9.

87. Cf. Fl 3,12-4.

88. Sl 27 (26),4.

89. Sl 26 (25),7.

90. Sl 31 (30),11.

XXX, 40. E permanecerai e consolidarei em ti, em meu molde, a tua Verdade, e não mais aguentarei os questionamentos dos homens que, pela doença que os castiga, desejam mais do que podem receber, e dizem: “Que fazia Deus, antes de fazer o céu e a terra?” ou: “Como lhe veio à mente fazer algo, se nunca fizera algo antes?”. Concede a eles pensar bem no que dizem, e perceber que não se pode dizer “nunca” onde não há tempo. Com efeito, o que mais significa dizer que alguém não fez nunca, senão que não fez em tempo algum? Vejam assim que não pode haver tempo sem criação e deixem esses discursos vazios. Que tendam para *o que está adiante*,<sup>91</sup> e entendam que antes de todos os tempos tu és o criador eterno de todos os tempos e nenhum tempo é coeterno contigo, nem criatura alguma, mesmo se houver alguma anterior aos tempos.

XXXI, 41. Senhor meu Deus, quão profunda é a dobra desse teu mistério e quão longe me lançaram as consequências dos meus delitos? Cura meus olhos, e que eu possa compartilhar o prazer de tua luz. Por certo, se houvesse uma mente capaz de uma tão grande ciência e presciência, que soubesse todo o passado e o futuro como eu sei uma canção bem conhecida, essa mente suscitaria uma admiração sem limite e uma estupefação atemorizada, porque então nada lhe seria ignoto do que aconteceu e do que acontecerá nos séculos que restam, como a mim, quando canto, não é ignota aquela canção, quanto já se passou desde o começo e quanto resta até o fim. Mas não se pense que tu, fundador do universo, fundador das almas e dos corpos, não se pense que tu conheces assim todo o futuro e o passado. Tu os conheces de uma maneira muito mais admirável e secreta. Porque não é como uma canção conhecida, que gera sensações variadas em quem a canta ou escuta e distende os sentidos entre a es-

91. Fl 3,12.

pera das notas futuras e a memória das passadas, não é assim que acontece na eternidade imutável, que é a verdadeira eternidade do criador das mentes. Porque assim como conheces *no princípio o céu e a terra*,<sup>92</sup> sem que teu conhecimento mude, assim *fizeste no princípio o céu e a terra*, sem que houvesse distensão em tua ação. Quem compreende, que o confesse a ti, e quem não compreende, confesse-o a ti. Tu és tão elevado, mas os humildes de coração são tua casa! Tu *levantas os oprimidos*,<sup>93</sup> e não caem aqueles de quem tu és a altura.

## Livro XII

I, 1. Dedicar-se a muitos assuntos meu coração, Senhor, nesta minha vida miserável, percutido pelas palavras de tua Sagrada Escritura, e por isso a pobreza da inteligência humana é amiúde rica em discursos: porque a busca fala mais que o achado, pedir é mais demorado que obter e a mão que bate à porta é mais ativa do que a mão que recebe. Temos uma promessa: quem a romperá? *Se Deus está conosco, quem estará contra nós?*<sup>1</sup> *Pedi, e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois quem pede recebe, quem busca acha e ao que bate se lhe abrirá.*<sup>2</sup> São promessas tuas, e quem temeria ser enganado, quando é a Verdade que promete?

II, 2. A humildade de minha língua confessa à tua sublimidade que tu fizeste o céu e a terra: este céu que vejo, e a terra que piso, de onde vem a terra que carrego.<sup>3</sup> Tu os fizeste. Mas onde está o céu do céu, Senhor, de que ouvimos nas palavras do salmo: *O céu do céu, ao Senhor; mas a terra, ele a deu aos filhos dos homens?*<sup>4</sup> Onde está o céu que não enxergamos, cuja terra é tudo isso que en-

92. Gn 11.

93. Sl 146 (145),8.

1. Rm 8,31.

2. Mt 7,7-8.

3. O corpo. Cf. Gn 2,7.

4. Sl 155 (113b),24 (16).